

Um narrador de estórias

**Fátima Cunha
Ferreira Pinto***

Entre os grandes pensadores humanistas deste século está, sem dúvida, Walter Benjamin. A lucidez com que previu o esfacelamento do humanismo após a aceleração industrial deixa-nos à vontade para que se lhe possamos imputar uma adjectivação profética quanto aos danos causados ao homem, quanto ao extermínio da "memória", responsável pela continuidade natural no desenvolvimento do que é inato ao homem, e quanto a compulsoriedade com que se veriam as sociedades de pensarem, ou melhor, de criarem o novo, o progresso, a partir de uma tábula rasa forjada pela prensa do tecnicismo exacerbado, donde nasceu a "amnésia histórica".

Falo, especificamente aqui, de seu artigo *Experiência e Pobreza* no qual, descrevendo a morte da oralidade, que estratifica ou sedimenta a cultura, todo processo civilizatório, e propicia a formação de uma mentalidade integrada, ele nos induz ao raciocínio de que a civilização pós-industrial é marcada pelo excesso de mesmice (reprodução de formas e de funções repetitivas), exatamente pelo processo descontínuo com que os homens apreendem o mundo e as idéias. Diríamos que esta "rasura" pode ser medida em várias circunstâncias vitais — nas quais o trabalho assume o papel majoritário —, como se nos apresenta o diálogo "monológico" do homem com o computador, ou com máquinas industriais; os setores cada vez mais verticalmente especializados das ciências médicas e biológicas; a compartimentalização cada vez mais acirrada das ciências humanas e exatas no campo da pesquisa etc. O que nos interessa aqui não é proceder a uma avaliação profética do homem-novo emergente já no século 21, e muito menos imputar este processo de esfacelamento da totalidade humana a uma possível derrota do homem frente ao mundo natural, que certamente ele quer bom para o proveito do bem comum, nem muito menos sugerir uma visão apocalíptica do futuro. Trata-se, isto sim, de analisar a caminhada já percorrida por sociedades mais desenvolvidas do que a nossa, nela detectar os erros de percurso, para que se nos abrevie o caminho do progresso e do desenvolvimento.

Não há dúvida de que o laudo comprobatório dos resultados nefandos da idolatria irracional ao tecnicismo — que ajudou a inibir a função da oralidade — pode ser visto com mais clareza através da inquietude atual de sociedades desenvolvidas onde, evidenciado o impasse da polémica técnica versus homem, já se nota a mobilização em torno de alternativas neutralizadoras e redimensionadoras desse "monstro sagrado", para que o homem saia desse estado de suspensão existencial em que se encontra e readquira, pela retomada do seu potencial reflexivo e articulatório, o papel de historiador e inventor do seu próprio texto.

Espocam, por isso mesmo e indiscriminadamente, em toda a esfera do universo, manifestações evidenciadoras desse desejo de reencontro do homem com sua razão de ser no Universo — e a busca bem pode ser tomada como sintoma de um mal, o que se pode notar pela inusitada preocupação com a saúde do ecossistema; pela paulatina tendência ao retorno do médico de família e da medicina totalizadora e sistêmica; pelo olhar universal focalizando as mais diversas formas espiritualistas do Oriente, entre as quais a literatura, a filosofia; a logosofia, a medicina homeopática; pela exacerbada e acirrada polémica entre a terapia psicanalítica e a ortodoxa; pela disseminação de doutrinas esotéricas; pelo culto a ginásticas evocadoras do princípio grego clássico mens/sana in corpore sano, etc. Tudo isto no induz à crença de que o espírito do homem está inquieto e insatisfeito com os critérios de avaliação e com os resultados desse exame histórico a que vem sendo submetido, e de que a sacralização da techné reduziu-o à condição de vassalo num universo onde deve reinar o Homem.

Nas sociedades menos desenvolvidas, que sempre se espelharam no miradouro da bruxa despótica e soberana, por ser que a imitação nunca veio acompanhada de uma reflexão séria — a maior ou menor intensidade do processo reflexivo pode muito bem eleger-se como um dos parâmetros para a aferição do grau de subdesenvolvimento de um povo —, toda inovação, seja no âmbito da técnica, seja no âmbito das ciências humanas, vem quase que invariavelmente dominada mais pelo modismo de efeito espasmódico ou extemporâneo. Assim que, arriscando na amarelinha dos números, é de se supor que mais de um século nos separa daquela conscientização acerca do impasse detectado pelas mentalidades mais desenvolvidas, daquilo que nos levaria a eleger a supremacia do homem sobre o despotismo tecnicista que a Revolução Industrial legou à Humanidade.

Há o renascimento de uma nova mentalidade emergente pairando na soleira do século 21, que as classes progressistas em setores diferenciados não se cansam de apontar, mas que, infelizmente, tem exíguo poder de força, devido a uma conjuntura de poder político-ideológica que ainda se

alimenta dos resíduos fossilizados do século em final de termo, e a uma inércia natural e residual, originária do culto cego, surdo e mudo aos deuses pagãos do Homem.

Ora, num país de maioria iletrada, o esforço para a equivalência à aquisição e à compreensão da mente nova, dessa retomada da oralidade, é tão gigantesco quanto as suas dimensões territoriais, ditado resultando a necessidade de congregação de forças de todos os setores para o sucesso de uma empreitada de tal natureza e de tamanho porte. Tal tarefa tem de ser programada e concebida pelo conjunto de poderes da sociedade, especialmente por aqueles oficialmente responsáveis pela Educação formal e informal. Entretanto, isto que a muitos pode soar quixotesco, só poderá suceder, se não sofrer solução de descontinuidade, o que tem sido, aliás, responsável pelo emperramento e pelo desperdício da maioria dos empreendimentos nacionais, e se contiver uma diretriz programática consensual e universal.

Se a formação de uma nova mentalidade urge para a tentativa de entrar em ritmo de compasso com a nova mentalidade emergente, não resta dúvida de que a Educação lato sensu deve instalar-se como geratriz do espírito novo, ou, então, sucumbiremos à sedimentação do velho. Causa, portanto, espanto que o discurso progressista, e propaladamente inovatório do recém-empossado governo, esteja abdicando de priorizar o setor educacional acima de qualquer outro. É necessário mais do que a mera retórica para que "o verbo se faça carne" e a esperança na redenção do subdesenvolvimento nacional se cumpra.

Sem querer entrar na escaramuça eleitoral de que se utilizam os falsos arautos do desenvolvimento educacional, principalmente neste ano específico, ou do famigerado miniquismo de natureza política que fundamenta as polémicas em torno da Educação, sugiro apenas uma sucinta análise do que me parece responder por um dos fracassos do sistema educacional. Refiro-me diretamente ao caráter de descontinuidade no processo educacional (formal e informal) como um todo, consequência direta das mesmas mazelas de compartimentalização de que padecem as ciências humanas e exatas no curso de seu aprendizado e desenvolvimento, que, por sua vez, derivou da necessidade de seccionamento das funções humanas para a excelência do sistema de produção industrial. Um bom exemplificador da questão pode ser a ênfase dada à categoria "especialização", que, além de passaporte azul para rápido ingresso no mercado de trabalho, seria responsável pelo aumento da produção seriada. Longe de avaliar os benefícios que tal processo possa ter causado à humanidade, o fato é que, compelido à ênfase do seccionamento, o homem seccionou-se, esquartejou-se, e fez de si apenas uma peça da bela engrenagem que é o Universo.

No setor específico da educação formal, o caráter de descontinuidade manifesta-se pelo desvinculo interdisciplinar da natureza curricular, segmentando o conhecimento universalizante do homem e da natureza, que deveria contribuir para a apreensão da totalidade do Universo. No setor da educação informal — do qual os meios televisivos são os mais expressivos, mormente num país onde a substituição da imagem pela palavra ganha muito mais apelo, devido, entre muitos outros fatores, à suplência fácil e quase compulsória do vácuo iletrado —, seus meios de produção são por natureza multifacetados, descontínuos e irrelacionados. Disso tudo resulta a dificuldade da correlação entre os fatos e as idéias, o que propicia, inequivocamente, a formação de uma memória constituída por flashes em paralelismo. Consequentemente, a ausência da capacidade de articulação, de correlação e, por que não dizer, de reflexão — elementos imprescindíveis à reprodução ou à criação de uma estória consequente com princípio, meio e fim —, comprometem a inteligibilidade e a organicidade da trama.

A Escola Pública, que atualmente está destinada, por força de um destino perverso, a abrigar as classes menos favorecidas da população, por mais inusitado que possa parecer, ainda tenta manter uma unicidade curricular e um esforço de preservação do que seja a identidade nacional, do que sejam a Pátria e a Língua brasileira, do que seja a História brasileira. Muito pouco que isto possa parecer a muitos, ainda encontrase na missão e na função das escolas públicas o reduto daquilo que futuramente poderá representar o primeiro passo para a aquisição de uma mentalidade nova: a conscientização do que seja a nossa Pátria, pela diferença relativa que nos afasta do Universo, e pela semelhança que, enquanto parte da Humanidade, deve das outras nações nos aproximar. A Escola Pública continua a sair pioneira quanto à manutenção do subsídio imprescindível à formação da nova mentalidade que permeará a narração da nossa História, porque tem sabido preservar o seu potencial de oralidade.